

SUAVE CARÍCIA

Daphna Renan

Michael e eu mal notamos quando a garçonete veio e colocou os pratos em nossa mesa.

Estávamos sentados em um pequeno café, escondido do barulho da Third Street, em Nova York. Nem mesmo o cheiro delicioso das panquecas doces, recém-chegadas, interrompeu nossa animada conversa. Na verdade, as panquecas ficaram mergulhadas no creme espesso por bastante tempo. Estávamos nos divertindo muito um com o outro para que essa guloseima nos interrompesse.

A troca de ideias, apesar de trivial, era entusiasmada. Rimos ao lembrar do filme que havíamos assistido na noite anterior e dos pontos de vista discordantes sobre o significado do texto que preparáramos para o seminário de literatura. Ele contou-me a respeito do momento em que dera um passo drástico em direção à maturidade, ao tornar-se Michael, recusando-se, a partir desse momento, a responder ao apelido, "Mikey". Ele tinha doze ou quatorze anos? Não conseguia lembrar, no entanto, lembrava-se que sua mãe chorara e dissera que ele estava crescendo depressa demais. Quando, por fim, mordemos as panquecas de amora, contei-lhe sobre as amoras que minha irmã e eu costumávamos colher nas visitas a nossos primos, no campo. Lembrei que sempre comia as minhas antes de voltar para casa, e minha tia advertia-me, pois comê-las dessa maneira certamente faria com que tivesse dor de estômago. É claro que nunca tive.

Enquanto continuávamos nossa agradável conversa, meus olhos voltaram-se para o outro lado do restaurante, pousando em um pequeno reservado, de canto, onde se encontrava um casal idoso. O vestido estampado da mulher parecia tão desbotado quanto a almofada em que colocara a velha bolsa. O alto da cabeça do homem era tão brilhante quanto o ovo cozido que ele mordia devagar. Ela também comia a aveia em seu prato em ritmo lento, quase tedioso.

O que chamou minha atenção para eles foi o silêncio. Pareceu-me que um vazio melancólico permeava seu pequeno canto. Enquanto o intercâmbio entre Michael e eu variava entre risos e sussurros, confissões e avaliações, o silêncio pungente do casal fez-me pensar como é triste não ter restado nada a dizer. Não haveria ainda uma página que eles não tivessem virado na história da vida deles? E se isso acontecesse conosco?

Michael e eu pagamos a conta e levantamo-nos para deixar o restaurante. Minha carteira caiu acidentalmente e, ao abaixar para apanhá-la, notei que, debaixo da mesa, a mão livre de cada um deles estava gentilmente aninhada na do outro. Tinham estado de mãos dadas todo aquele tempo!

Pus-me de pé, emocionada pelo simples, mas profundo, elo que os unia, o qual tivera o privilégio de testemunhar. A carícia suave daquele homem nos dedos cansados da esposa preenchia não apenas o que antes percebera como um canto emocionalmente vazio, mas também meu coração. O silêncio deles não era desconfortável, como o que ameaça encher o espaço após o ponto culminante de um discurso ou ao término de uma anedota em um primeiro encontro. Não, o silêncio deles era um entendimento confortável, relaxado, o amor suave que nem sempre precisa de palavras para se expressar. Eles haviam provavelmente compartilhado as horas da manhã por longo tempo, e talvez hoje não fosse diferente de ontem, mas estavam em paz com isso e um com o outro.

Enquanto Michael e eu saíamos, pensei que talvez não fosse tão ruim se viéssemos a ser assim no futuro. É possível que fosse até bastante agradável.